

O CONCEITO DE DEUS COMO NADA EM ECKHART

*Enio Paulo Giachini**

Resumo: Este trabalho apresenta o conceito de Deus como nada em Eckhart. Inicialmente tenta-se esclarecer o que significa o conceito *nada* em Deus. Na abordagem tradicional, Deus é apresentado como o ser supremo. Mas, ao doar ser às criaturas, ele se oculta com doador, doando liberdade para que a criatura seja. Esse ocultar-se tem o modo de ser do retraimento. Todavia a criatura não precisa dar-se conta dessa doação, nem é uma exigência do doador que ela o faça. Esse retraimento de si no doar o ser tem o modo de ser da discrição. Todas as criaturas podem participar e de certo modo participam desse modo de ser do retraimento, que serve e auxilia na ordem do ser, mesmo que usualmente o ser humano não se dê conta disso. Céu e terra, água e vento etc. tem o modo de serviço humilde e retraído. Servem à vida mas não colocam em seu plano de frente esse servir. O homem é a única criatura que precisa decidir-se a reproduzir esse processo de doação de vida e ser. Não é um exercício “espontâneo”. Para isso é necessário um longo exercício de superação de seu egoísmo natural para agir analogamente ao princípio originário que doa vida e ser a ele e a tudo. Eckhart protagoniza a concretização desse exercício no exemplo de Marta e Maria, invertendo a interpretação tradicional da prioridade da contemplação sobre a ação. O ser humano *pode* dar-se conta desse nada abissal donde brota ser e vida e *decidir-se* a agir analogamente (intelecto ativo) ao

* Fae-Centro Universitário, Instituto de Filosofia S. Boaventura [enio.giachini@bomjesus.br]

mesmo princípio, no exercício de um longo curso de unificação a esse princípio originário.

Palavras-chave: Eckhart, Deus, nada, operar.

Introdução

Em linhas gerais o Ocidente cristão pensa o *Ser* como Deus, e Deus como o criador. Em Deus o mundo tem sua origem, sua unidade e seu ser verdadeiro. Deus é o ente supremo (*summum ens*) que é o próprio ser (*esse ipsum*).

A conceituação eckhartiana de Deus segue em geral uma via negativa. Nela se diz o que não é Deus, mas sempre intencionando aproximar-se do que é Deus ele mesmo.

Deus *não* é em nenhum modo, *não* é nem isso nem aquilo (ECKHART, 2006, sermão 5a); Quando disse Deus *não* é um ser, e que é *acima* do ser, não lhe recusei o ser, antes, Nele eu elevei o ser. (ECKHART, 2006, sermão 9) Deus *não* é *nem ser nem* bondade (ECKHART, 2006, sermão 9) Deus *não* é bom, nem melhor nem o melhor (ECKHART, 2006, sermão 9) Deus é mais *silenciar* do que falar (ECKHART, 2006, sermão 36a), Deus *não* é nem isso nem aquilo (ECKHART, 2006, sermão 51).

Deus *não* é amável (ECKHART, 2008, sermão 83); Deus *não* é como essas coisas múltiplas, isso ou aquilo (ECKHART, 2008, sermão 68)

Deus *não* é igual a nada (ECKHART, 2008, sermão 69) Deus não é uma luz crescente (ECKHART, 2008, sermão 71) Deus não é nem sabedoria nem bondade (ECKHART, 2008, sermão 73) [Os grifos são nossos]

Conceito de nada

O conceito de Deus como nada é recorrente nos sermões alemães de Eckhart. Nosso desafio é tentar compreender, aproximarmos do que busca mostrar Eckhart neste fenômeno. Vou tentar dar

três passos nessa questão do nada: 1. O que se compreende usualmente por *nada*; 2. o que é a compreensão negativa do nada e 3. como é possível uma interpretação positiva do fenômeno do nada.

1. Usualmente, quando dizemos *nada*, pensamos em ausência de entes, a inexistência de algo. Dizemos também que nada é privação do ser. Como tal, nada nem sequer é oposto ao ser. Não há, simplesmente (*nihilum absolutum* – não-ente). É o nada de nada, o coisa nenhuma, o nada nadificante, ausência de qualquer coisa, a inexistência.

2. A compreensão negativa de nada em Eckhart refere-se ao caráter entitativo e dependente do ente, da criatura, em si e por si. Em si e por si a criatura é nada. As criaturas, em si e por si, nada são. Assim, o ente, a criatura só pode ser na medida em que recebe constantemente o ser de Deus, enquanto o ser lhes é concedido¹.

Todas as criaturas são um puro nada. Não estou dizendo que elas sejam insignificantes ou que sejam alguma coisa: elas são um puro *nada*. Aquilo que não tem ser nada é. Todas as criaturas não têm ser, pois seu ser depende da presença de Deus. Se por um só instante Deus lhes voltasse as costas, elas estariam aniquiladas (ECKHART, 1963, sermão 4).

Trata-se do que na metafísica tradicional se chama de *nada privativo*. É o elemento que “falta”. Tanto do ponto de vista físico, psíquico ou espiritual, no modo de ser ôntico estático estamos sempre remetidos a essa carência. Todas as criaturas estão submetidas a essa carência de *buscar perfazer a si mesmas e buscar melhoria*. Um olhar que vê apenas ente-coisa descobre ali sempre apenas falta, dependência, necessidade de recomeçar. Jamais vê repouso, absoluto, unidade.

O conceito negativo do nada, inerente a todas as criaturas, é a compreensão das criaturas como puro nada, é a diversidade e tem-

1. “Docet enim naturaliter se id quod habet habere non ex se nec ut inhaerens in se, sed mendicasse et accepisse mutuo et continue accipere quasi in transitu...” (Gen II n. 25, LW I, 495).

poralidade. “E onde há dois, aí há deficiência. Por quê? – Porque um *não* é o outro. Este “*não*” que cria a diferença *não* é outra coisa do que amargura (ECKHART, 2006, sermão 27)”.

“Pois o nada é privação e mancha a alma. Todas as criaturas são um puro nada. Nem os anjos nem as criaturas são um algo. As criaturas têm² tudo em tudo e mancham, pois são feitas de nada. Elas são e eram nada. O que é contrário e cria desgosto a todas as criaturas é o nada. Se colocasse uma brasa ardente em minha mão, ela me causaria dor. Isso vem somente do “*não*”, e se fôssemos livres do “*não*”, então não seríamos impuros” (ECKHART, 2006, sermão 5a).

Por que Eckhart diz que à criatura inere um “*não*” que a mancha e que se nos livrássemos desse *não* ficaríamos puros? O *não* na criatura cria divisão, desfaz, impede, atrapalha a unidade. Estão presentes nos sermões de Eckhart constantemente duas perspectivas distintas. Em si e por si, as criaturas são remetidas umas às outras num processo de dependência mútua. De um certo ponto de vista, do ponto de vista das criaturas, pode-se afirmar que Eckhart concebe um ser também para a nadaidade das criaturas. Apenas que esse ser sempre só *lhe* é dado de empréstimo. Esse ser *lhes* é concedido sempre como um todo ao todo. Por isso, individualmente, nenhuma criatura é por si, sendo sempre e somente na remissibilidade constante a outra e outra criatura e assim ao todo. As criaturas têm tudo em tudo, uma remissibilidade constante e codependente de tudo para com tudo. A esse modo de ser, Rombach chama de funcionalidade. Trata-se de perceber na totalidade de tudo um mútuo encadeamento de remissão de uma coisa à outra, à outra, de forma que na totalidade dos entes se vê uma totalidade funcional. O modo de ser de cada coisa dentro do todo aqui é função. A boa ciência natural se move aqui.

2. Ter, em latim *tenere* e *habere*, em alemão *haben* (que parece não ter ligação filológica direta com o latim *habere*), na ideia de possuir, segurar, manter, ter à mão, colado, junto a si, independente de suas referências filológicas, não poderia estar dizendo: presença colante, pegajosa que tudo impregna de “cabo a rabo”: *tudo em tudo?*

3. No terceiro modo, abordado mais detalhadamente adiante, vamos compreender o nada positivamente, como doação de ser. Deus doa de tal modo o ser às criaturas que se retrai totalmente nessa doação. Se retrai não significa aqui que se retire para alguma instância anterior ou posterior do mesmo modo de ser do ente-criatura. Significa que se doa totalmente à criatura de tal modo que essa pode ser vista como tudo, como absoluto (ECKHART, 2006, sermão 9). Todavia, para isso, é preciso que a criatura-homem decida repetir em si esse modo de ser do serviço de doação. É só numa experiência longa, dura e trabalhosa (Abgeschidenheit) que o homem pode chegar a compreender positivamente o algo (iht) de Deus como doação.

Segundo Rombach (1965, p. 183s), em Eckhart estão constantemente presentes duas ontologias. A ontologia da funcionalidade e a ontologia da identidade. A funcionalidade pensa o universo das criaturas, dos entes; a identidade pensa a unidade da deidade, ou do “ser”-nada. As criaturas pensadas funcionalisticamente são diferentes apenas na relação umas com as outras; pensadas na identidade, são a manifestação da Unidade que doa ser. “A unidade é como tal uma multiplicidade e a multiplicidade é como tal uma unidade”. O ser no entanto só pode mostrar-se como e nas criaturas. Assim,

ou se consideram as coisas como ser e se as toma naquilo que elas realmente são e como se mantém nelas mesmas, então não lhes falta nada, são o próprio ser na plenitude total e sem qualquer fraqueza e são idênticas com Deus. Ou se tomam as coisas em sua determinidade particular e como distintas umas das outras. Então o princípio não se encontra no ser, mas no nada e suas bases determinantes se dão na aparência, não no ser, mesmo que não seja uma aparência enganadora, determinada pelo próprio ser (ROMBACH, 1965, p. 191).

Na linguagem de Eckhart significa que toda e qualquer criatura nela mesma é nada. Se eu ganhasse o mundo inteiro e muitos outros mundos iguais a esse para mim, mas sem Deus, isso seria igual a nada. E, por outro lado, em Deus todas as coisas são iguais.

Em Deus uma mosca tem tanta nobreza de ser quanto um anjo³. “Assim como são, todas as criaturas são um nada; mas quando são iluminadas pela luz, na qual recebem seu Ser, então são um *algo*” (ECKHART, 1963, sermão 41).

Essa abordagem de Deus-[Ser] como nada não é muito comum no Ocidente. Alguns pensadores que tentaram isso foram B. Welte, M. Heidegger, H. Rombach. Na Idade Média temos toda a grande vertente que vem do Pseudo-dionísio Areopagita, a mística negativa. A realidade básica pesquisada aqui é, dita negativamente, que Deus não pode ser concebido através de conceitos humanos. Deus é nada significa então: Deus não é ente, Deus não é o ente supremo, Deus não é o ser dos entes.

Para que, aqui, de alguma forma, possamos nos mover com maior aderência ao pensamento medieval, é necessário colocar a fala acerca do nada na ambiência do início da criação. Ali se diz: Deus criou o universo *ex nihilo sui et subiecti* (do nada de si e do substrato prejacente). Essa niilidade não se refere, portanto, ao ente prejacente “objetivo”, nem ao ente previamente “existente” enquanto ente sujeito e agente de uma ação *eficiente*, na produção artesanal de confecção de uma obra a partir de uma dada matéria em vista de um determinado fim (portanto, causa eficiente, final, material e formal), mas sim, diz respeito a quê? Podemos dizer: *da niilidade do desprendimento*, da *Abgeschiedenheit*?

Doação de ser e retraimento

A partir da metafísica moderna, da ciência e técnica modernas, aprendemos que os entes são coisas, objetos, entes organizados numa estruturação global chamada ordem, mundo. Ordem, mundo, seja

3. “... e que apreendamos a verdade e pedimos para gozar eternamente lá onde o mais elevado dos anjos e a mosca e a alma são iguais, lá onde eu estava e queria o que eu era e era o que eu queria” (ECKHART, 1963, sermão 69).

físico, espiritual ou de outro gênero, no entanto, se tornaram para nós dados de antemão, com o mesmo modo de ser de coisa. A primeira impressão que temos é essa. Aprofundando nossa compreensão, vemos em cada ente uma remissibilidade a outro ente, e a outro e assim ao todo. “O fogo não pode operar a não ser na madeira”. Aqui e agora, tempo e espaço etc. tem o modo de ser da funcionalidade. Cada ente tem sua função no todo do mundo. Cada ente tem uma remissibilidade de pertença que o faz carente do outro, mostrando seu próprio *não* inerente a si mesmo.

O conceito de nada eckhartiano mostra um modo de ser distinto da funcionalidade e remissibilidade. Deus como nada em E. não significa um puro nada, tampouco um nada privativo, uma carência. Um conceito que nos pode ajudar a compreender essa realidade é “retraimento” (Entzug). Ao doar ser às criaturas, Deus se retrai, doando plena liberdade à criatura para ser. Apesar de doar constantemente ser (creatio continua), nesse mesmo doar, ele se retrai como doador para que o doado seja na liberdade. Com Heidegger (Sein und Zeit, 1988, p. 23) “o doar como presentear implica um manter-se retraído em si”. Mas como Eckhart pensa esse doar ser e ao mesmo tempo retrair-se? Para onde se retrai Deus? Brinca de se esconder com as criaturas? Como é a discrição de Deus?

No sermão 9 Eckhart diz:

“É bom o que se compartilha (mitteilt, se comunica)... Deus é o máximo compartilhamento. Nenhuma coisa se compartilha a partir de seu próprio, pois todas as criaturas não são a partir de si mesmas. Tudo o que elas compartilham recebem-no de outro. Elas também não se dão a si mesmas. O sol dá seu brilho e no entanto fica estável no seu lugar; o fogo dá seu calor mas permanece fogo. Mas Deus compartilha *o que é seu*, por que é a partir de si mesmo que ele é o que é, e em todos os dons que concede ele se dá primeiramente a si mesmo” (ECKHART, 2006, sermão 9).

Em cada criatura Deus se doa inteiramente, de tal modo que no sol é sol, na água é água, na terra é terra etc. Nicolau de Cusa chama a isso de unidade contraída. O homem e cada coisa no universo

podem ser **unidade contraída** e não **unidade absoluta**, que é só Deus. “Deus é o que são o sol e a lua sem pluralidade e diversidade” (CUSANO, 2002, p. 123).

Porque se doa a si mesmo, Deus se retrai totalmente dando liberdade para que cada coisa seja o que é. Esse retraimento é como que um alento, uma esperança, um lastro de crédito, uma doação de talentos, para que essa coisa venha a ser o que já é, ou seja, divina, que em seu perfazer-se venha a ser aquilo que lhe possibilita ser. E a maior gratidão da semente é fazer frutificar sua semente. “Mas que Deus se torne fecundo em alguém, isso é bem melhor. Pois frutificar a dádiva é a única gratidão para com a dádiva” (ECKHART, 2006, sermão 2).

Discrição e serviço

Um outro conceito que se poderia empregar para expressar essa doação de ser é *serviço*. Deus serve humildemente à vida e ao ser e se retrai enquanto servidor. Ele se retrai em favor do prosperar do presenteado. No nível da unidade contraída, da funcionalidade, os entes por natureza prestam esse serviço uns aos outros e ao todo. O céu e a terra fornecem elementos para o sustento da vida. Rilke diz: “Pergunte à terra e ela te dirá o que significa cor!” Cor, sabor, perfume, sustento vêm da terra incolor, insípida, escura. O ar nos está constantemente sustentando, não chama a atenção sobre si, e no entanto estamos mergulhados nele e dele dependentes.

Aqui também à primeira vista aparentemente há discrepância na compreensão das criaturas. No sermão E. fala que em si as criaturas são um puro nada. Temos de pensar o que ele quer dizer com *em si*. Entram aqui as categorias do que ele chama em termos de aqui, agora, diversidade e tempo. O Em si, das criaturas vai na contramão do ab alio medieval. Vai na contramão na medida em que é serviço ao todo; todo porém não é a totalidade dos entes, mas ordo cuja qualificação tem o modo de ser da doação gratuita do criador. No

serviço, enquanto serviço, todas as criaturas são boas. No sermão 9 E. fala que “quem nada mais conhecesse a não ser as criaturas não precisaria pensar em nenhum sermão, pois toda criatura é plena de Deus e é um livro”. Em Deus, no serviço, o anjo, a alma e a mosca possuem uma imagem originária *igual*. Usando outras categorias: em si, pode ser pensado como a evidência parda do ser-simplesmente-dado (Vorhandenheit), objeto, sujeito, coisa.

As plantas, o animal, o homem é. A terra é. O céu é. Todos são (de diversos modos), o “é” porém não é. O ser é o modo no qual vivem e têm consistência todas essas “coisas” diversas. Nem o homem nem a terra nem o céu precisa (ou pode) fazer algo para ser e para não ser nada. O ser lhes foi “dado”. No entanto, esse doar se esconde deles tão habilmente que parece óbvio e evidente que há o ser e não antes o nada. Coisa alguma consegue fornecer tal ajuda (HELTING, 1997, p. 21).

O homem não pode operar esse serviço de fundo de fornecer ser... mesmo a pesquisa genética que reproduz a vida animal pela clonagem ou de outro modo, não gera vida, adentra e agiliza um processo já doado.

Os antigos já expressavam esse espanto frente à grande doação da vida e do ser e sua concomitante retração para o obscuro do abismo. A natureza ama esconder-se. *Fysis* fala de um processo de crescimento, maturação e consumação de ser. Mas a força propulsora e mantenedora desse processo se retrai para que o processo ganhe ‘autonomia’. Por causa dessa retração, o “doador” é de certo modo o “nada”. Porque há o ente e não antes o nada, é a palavra de espanto do pensador ao vislumbrar esse abismo que tudo doa e possibilita e se retrai a si mesmo. O caráter de retração e de serviço do ser é muito mais intenso que o do céu e da terra. Deus é tão perfeito no doar ser e igualmente perfeito no retrair-se e dar autonomia à criatura, que “aparece” como nada.

“O nada doa ser significa portanto: aquilo que doa ser se retrai de tal modo do dado, que esse é autônomo, e do ponto de vista

ontológico *pode* ser considerado como plenamente independente. Assim, o nada doa liberdade: tanto a liberdade de ser autônomo quanto a liberdade para desprezar e sequer perceber a base da liberdade no nada” (HELTING, 1997, p. 22).

A terra *é*, o sol *é*, o ente *é*. Esse fenômeno que se manifesta de imediato aos nossos sentidos do *é*, do ser, o existir de cada coisa, *é* a ponta terminal de um processo estrutural unitivo e único que o Ocidente chamou de ser, mas que Eckhart chama via de regra de Nada. Quando se torna possível ultrapassar o caráter estático de nosso ocular, que tudo categoriza em conceitos e imagens prévios e prontos, como que lançando uma espiada por entre o buraco de uma fechadura, começa a mostrar-se um universo vivo, estrutural, dinâmico, cada vez novo.

No sermão 53, E. diz:

Todas as criaturas querem enunciar a Deus em *todas* as suas obras; todas elas falam, da maneira a mais próxima possível e, no entanto, não podem enunciá-lo. Queiram ou não, gostem ou não: Todas elas *querem* enunciar a Deus e, no entanto, ele permanece inefável (ECKHART, 2006, sermão 53).

Essa experiência pode ser comparada à tentativa de o olho ver a si mesmo.

No mesmo sermão, Eckhart pergunta, mas então “quem pode enunciar essa palavra? E responde: Ninguém o faz a não ser aquele que *é* essa palavra”. Apesar de querer repetir a fala de Deus, as criaturas pouco podem dele revelar.

No sermão 9, *quasi stella matutina*, E. descreve como essa força discreta atua nas forças da alma: a força da absorção dos alimentos e sua transformação em crescimento; a força do olho, que refina e filtra no ar e na luz as coisas rudes que percebe; a representação, que pode tornar presente coisas ausentes e distantes. Nisso as forças da alma operam no não-ser, seguindo a Deus, que opera no não-ser.

Experiência - artesanía

Uma vez tendo sido feita uma aproximação a esse modo de ser divino descrito no conceito de nada, retração, discrição, vamos tentar ver como é possível aproximar isso de nosso dia-a-dia. A doação da liberdade ao homem é tal que ele *pode* desprezar e nem sequer dar-se conta desse abismo doador de ser e vida que o sustenta ininterruptamente. Mas justo esse “nada” abissal nos entes, na vida, no mundo *pode ser experimentado* (e precisamente como um nada doador). Deus se compartilha de tal modo à criatura, que partilha a si mesmo a ela. Significa que na criatura está, que originalmente a criatura é a possibilidade de partilhamento. O nada doa ao ser a capacidade de autopartilhamento, a capacidade de serviço, a capacidade para *nada*.

Toda tradição da cristandade esteve, desde o princípio, às voltas com essa possibilidade. Isso se concretizou no conceito de ascese cristã, nos movimentos do monarquismo e na busca pelo deserto. Em Eckhart isso vem expresso via de regra no conceito da *Abgeschiedenheit*, o desprendimento. Em Eckhart, primordialmente, *Abgeschiedenheit* é modo de ser de Deus. Mas todo o tratado sobre a *Abgeschiedenheit* tenta mostrar que esse modo de ser é o parentesco originário do homem com seu criador. Os sermões, um por um, tentam mover o humano à “imitação” desse processo de desprendimento.

Aqui, todavia, precisamos pensar um pouco como compreender esse desprendimento. A ascese cristã tem uma forte vertente de ascetismo e abandono da terra, como dizia Nietzsche. Uma tendência de desprezo fraco e exânime, exaurido da terra. Um abdicar e renunciar que leva a uma pureza angelical desprovida do vigor originário da vida e da terra.

Não é o que encontramos em Eckhart. Os conceitos de nada e de desprendimento em Eckhart são um convite não para sair da realidade mas para adentrar nos processos dinâmicos de estruturação da realidade. Nele como em toda medievalidade está um convite à

edificação da vida na *Artesania*. É um convite a desapropriar-se de tudo que é supérfluo e cujo alcance é obsoleto para apropriar-se com vigor da unidade fundamental de ser e vida. O medieval é mestre na artesanaria da própria vida.

O artesão medieval passa por um longo e demorado processo de aprendizagem de sua arte. Não só o medieval. Qualquer processo de aprendizagem exige um projeto de longo fôlego. Um projeto de vida deve ultrapassar tudo que se possa apreender de imediato e estender-se para além de “vida” e de “morte”. Há que se buscar encontrar um modo de ser para o qual todas as coisas concorram para o bem. Todavia, isso implica, sim, em morte, abandono, abdicar. Um tal projeto exige dedicação e empenho, que naturalmente vão nos fazendo deixar de lado saberes prévios, apegos, segurança; exige esforço de familiarização com cada elemento implicado no processo.

Como quando o fogo quer tomar a madeira e ser por sua vez tomado pela madeira, encontra primeiro a madeira como o que não lhe [ao fogo] é igual. Por isso, é preciso tempo. O fogo começa por aquecer e fazer arder <a madeira>, fazendo-a depois fumegar e estalar, porque esta lhe <a madeira ao fogo> é desigual; e então, quanto mais quente se tornar a madeira, tanto mais silenciosa e calma ela se torna, e quanto mais se tornar igual ao fogo, tanto mais se torna pacífica, até tornar-se toda e inteira fogo. Se o fogo deve assumir em si a madeira, então toda desigualdade deve ser expulsa (ECKHART, 2006, sermão 11).

O fogo transforma em si o que se lhe acrescenta, transformando esse acréscimo em sua natureza. Não é a madeira que nela transforma o fogo, mas antes o fogo nele transforma a madeira (ECKHART, 2006, sermão 6).

Nesse sentido, Eckhart e todo grande pensador deveria ser lido, meditado, ruminado e trazido para o dia-a-dia de nosso mundo. Vivemos numa época onde as pessoas não passam de pontos descartáveis, minúsculos, de um sistema global. A mente e o corpo são formatados pelas forças massificadoras de uma elite global que estabelece os ditames do que é valor. Vivemos um achatamento da criatividade humana. As pessoas são formatadas pela televisão, pela

busca do prazer fácil, da obsolescência dos vínculos, dos valores, de projetos pessoais, comunitários, nacionais. Tudo e todos vão se tornando uniformes, informes, bebendo e comendo do mesmo gole e copo que é oferecido, sugerido, inculcado nas mentes, nos corpos no sangue de cada pessoa.

Eckhart poderia ser um convite de reconquistar pessoas, na coragem de encontrar e forjar projetos de vida grandiosos, pautados na concriatividade e autonomia. O movimento de vida do nada eckhartiano vai na contramão oposta ao projeto de nihilismo massificante e globalizante hodierno.

O nada eckhartiano busca oferecer ao homem um desafio à busca de unidade e de identidade.

Mas que tipo de experiência nos pedem então?

À mão de algumas passagens dos sermões vamos tentar compreender como seria esse processo artesanal em Eckhart.

O sermão 86 traz a conhecida inversão da interpretação tradicional da prioridade de Maria sobre Marta, prioridade da contemplação sobre a ação. Maria representaria a contemplação, Marta a ação. No sermão 37, isso pode ser encontrado na ideia de intelecto possível e intelecto agente. “A alma tem nessa força [isto é, no intelecto] ‘possível’ o poder de tornar-se espiritualmente todas as coisas. Na força *agente* ela se iguala ao pai e opera todas as coisas para um novo ser” (p. 221).

Intelecto possível significa que o homem tem a possibilidade, pode vir a repetir o serviço fundamental de doação de vida na concriatividade fundamental de vida.

Intelecto agente equipara-se à concretização do autocompartilhamento, de serviço e prestação à vida, retraindo-se sem chamar a atenção para si no processo de criação. A retração, o não chamar a atenção para si, a liberdade dada ao processo de estruturação de vida aí, é o pleno engajamento, morte, entrega, em prol da estruturação do servir.

Marta incorpora essa personagem. Marta já foi Maria embevecida aos pés de Jesus, mas que amadureceu e agora faz o que faz Jesus: serve.

Em outros sermões, Eckhart mostra isso no conceito do operar.

Se eu quero conhecer a Deus sem mediação e sem imagem e sem comparação, então Deus deve tornar-se muito próximo de mim e eu muito próximo de Deus, tão plenamente um que eu opero com ele, e isso não como se eu operasse e ele apenas me impelisse. Ao contrário, eu opero ali com isso que é meu. Eu opero com ele tão propriamente como minha alma opera com meu corpo (ECKHART, 2006, sermão 70).

Essa operação requer um longo processo de aprendizagem e exercício, pois “odeia o deus sensato crescimento intempestivo” (Hölderlin).

A comunicação de Deus é tal que possibilita ao ente também se comunicar. Essa comunicação também tolera ser ignorada. Em princípio, todo homem pode atinar, refletir e surpreender-se com o nada que se ausenta na vigência de todas as coisas, desse *Urgrund* que doa ser a tudo. Mas é só pela *decisão* de agir analogamente a esse *Urgrund* que pode deixar e fazer nascer, crescer e consumir-se nele o mesmo modo de ser.

Aqui podemos ver a positividade do conceito de Nada abordado acima. Em alemão medieval nada é *niht*, algo é *iht*. “Got ist, daz niht erfullet allen dink, und sein iht ist niendert”. Deus é aquele cujo nada preenche todas as coisas, e cujo alguma coisa não está em parte alguma. É uma adaptação da proposição: *Deus est sphaera infinita, cuius centrum est ubique, circumferentia nusquam*.

Tentemos delinear esse longo empenho de aproximação, apropriação de um projeto de crescimento e amadurecimento no compartilhamento de vida, em três pontos distintos.

1. O primeiro momento é uma postura de naturalidade da vida e o desfrute da positividade do real. A retração do nada ao presentear

vida e liberdade possibilita que o homem viva na liberdade de dispor de si como bem quiser e entender. Primordialmente, o homem pode fazer de si o que bem quiser e puder. O homem pode esbaldar-se no gozo e proveito da vida segundo suas forças e possibilidades. Mesmo quem ordeiramente pautar toda sua vida numa moralidade ou legalidade estabelecida, num ideal de humanismo e socialidade pode estar pautado no desfrute da obviedade do ente dado como um todo, sem qualquer vislumbre de transcendência.

2. O segundo, porém, que é o momento do espanto, a descoberta feita pelo intelecto possível, onde na evidência parda, óbvia e ululante da realidade que está diante, ao redor e dentro do homem, se abre uma nesga de vislumbre de algo extremamente estranho e inusual. Onde o dar-se disponível e óbvio do ente no seu todo mostra seu caráter de ser dado, onde o caráter de dado do ente no seu todo chama a atenção para seu abismo originário. É o momento da admiração. É o momento de Maria embevecida aos pés de Jesus. É o momento do chamado. É o momento em que se sente a convocação e a necessidade de ultrapassar a “infância” e olhar para as perspectivas do adulto. Onde pode começar a se delinear um grande projeto de vida. Onde o abismo do nada nos faz perguntar “por que há simplesmente o ente e não antes o nada”. De repente, em tudo que vê, o homem começa a ver aquilo que não via, a saber, a retração do nada como retração; para Eckhart: a doação amorosa de Deus. Aqui pode começar a delinear-se o caráter positivo do nada.

Esse segundo momento é Paulo caindo do cavalo. Eckhart literalmente diz que ao ficar cego e nada ver após a queda do cavalo, Paulo viu o nada. “Ali, onde São Paulo nada viu, ali ele viu Deus”. Agora eu viro a palavra, e assim fica bem melhor, e digo: “Ali onde ele viu nada, ali ele viu Deus” (ECKHART, 2008, Sermão 70, p. 60).

Essa visão do abismo do nada, ao mesmo tempo em que gera fascinação, admiração, espanto, cria uma grande confusão, porque desorganiza a obviedade parda da estruturação entitativa da vida óbvia e pronta. Todavia, o fascínio pode abrir espaço para que o Inte-

lecto se torne ativo, buscando se aproximar e participar desse abismo originário. Na coragem dessa aproximação se dá um terceiro passo: projeto. Isso eu quero para mim.

3. Esse tipo de projeto requer uma escuta apurada, uma coragem perseverante e uma humildade serena. Trata-se de um recomeço, de um Começo. É um exercício de artesanania da vida. Tomada, retomada, correção e redirecionamento são passos estruturais do processo. Um longo tirocínio de idas e vindas de confronto e reformulação do que sei, posso, quero, um limar a si mesmo no confronto com a coisa. No princípio, tudo é confuso, disperso e desconexo. O trabalho vai aproximando e processando coisa por coisa, tentando dar-lhe a forma do projeto. Tudo aos poucos, com o tempo vai ganhando unidade, vai ficando simples (*sine-plexis*). Marta, após um longo exercício da vida, não precisa mais ficar assentada embevecida aos pés de Jesus. Ela mesma é esse modo de ser de Jesus de serviço à vida.

Maria, admirada com a grandeza do dom de Deus, que se retrai no abismo do nada, está tomada pela admiração e embevecimento, alcança o alto da montanha da contemplação e do fascínio; mas Marta mostra já ter descido da Montanha e retornado à cotidianidade simples da planície e age a partir da unidade do nada, na maturidade humana. Em cada coisa usual e corriqueira, então, está presente a simplicidade da doação generosa do nada que se retrai e deixa vigir mundo, vida. Trata-se de um longo tirocínio de transformação num projeto onde aos poucos todas as coisas ganham o modo de ser da unidade da busca única e primeira. Eckhart expressa isso no conceito de unidade, de alma. A alma é toda e sem divisão, plenamente no pé, no olho e em cada membro. Se tomo um espaço de tempo, este então não é nem o dia de hoje nem o dia de ontem. Mas se tomo o *instante*, este então contém em si todo o tempo.

Disso, que Deus é Um, ele haure tudo que põe em obra nas criaturas e na deidade. Digo mais: Unidade, somente Deus a tem. O modo próprio de Deus é unidade. É disso que Deus retira seu ser Deus, pois, do contrário, não seria Deus. Tudo que é número

depende do Um. Já o Um de nada depende (ECKHART, 2006, sermão 21).

No cotidiano de Marta o nada se faz presente na forma da descrição serena e incrustrada na paisagem usual do trabalho duro e sempre o mesmo do dia-a-dia. Impregnado desse modo de ser do nada está também todo sofrimento humano. Nada – nada ver de bom, nada sentir de emocionante, nada ver de saída, nada poder fazer para sair da situação, ter de suportar... são paisagens áridas onde o nada pode estar gestando vida. Mas aí, nesse sofrer, o sofrimento é o contraposto da maldade. O sofrimento é também o antídoto da maldade.

Marta representa a maturidade humana, bem experimentada, tendo passado pela provação e o sofrimento, pela infância e juventude espiritual. Na figura de Marta Eckhart mostra o ordinário de mundo, vida. Mas é um ordinário iluminado por dentro, com uma luminosidade opaca e difusa, discreta, uma luminosidade que perpassa todas as coisas. Após longo processo de crescimento, num trabalho lento de transformação num projeto único e unitário de vida, tudo passa a ser simples. Simples é aquilo que caminha na unidade com todas as coisas. Para alguém com longo tirocínio numa profissão ou arte, os elementos dessa arte, todos eles passam a ser simples, familiares. Tanto a pessoa como os elementos vão adquirindo o modo de ser da arte. Decisivo ali não é sujeito e objeto, artesão e elementos, mas a arte como a fonte de unificação e vida dá o tom e a vida a cada elemento. O artesão passa a ser o lugar por excelência onde se mostra arte. Mas essa arte, ela mesma tem de ser translúcida e transparente, e a partir de seu vigor, simplificar tudo, ir se reportando a todos os âmbitos do existir, a tudo aquilo com que se relaciona e se encontra. Por isso, a artesanaria da vida humana é a arte das artes, ou seja, tem de alcançar um caráter absoluto, tem de poder encarnar, absorver e concretizar o modo de ser daquilo que lhe possibilita ser.

Se tenho diante de mim um pinheiro verde, olho para ele, então por um momento desvio o olhar do mesmo: o espantoso nisso é pois a possibilidade de que, se volto a olhar para o mesmo, ele pode ter-se tornado vermelho! (Chesteron)

Quando irrompe a palavra – o *Ser* se nega. Mas nessa negação revela-se em sua recusa – como silêncio, como “entremeio” (*Inzwischen*), como Da (ali). Só agora há proximidade da essência – e nenhuma “*renúncia*” (Heidegger).

Referências

ECKHART, M. **Sermões alemães I**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ECKHART, M. **Sermões alemães II**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TSUJIMURA, Köichi; OHASCHI, Ryosuke; ROMBACH, H. **Seins und Nichts**. Grundbild westlichen und östlichen Denkens. Basel; Freiburg/ Wien: Herder, 1981.

HELTING, Holger. **Heidegger und Meister Eckhart**. Vorbereitende Überlegungen zu ihren Gottesdenken. Berlin: Dinkler & Humblot, 1997.

CUSANO, Nicolau. **A douta ignorância**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SCHÜRMAN. Reiner. **Maître Eckhart ou la joie errante**. Paris: Éditions Planète, 1972.

ROMBACH, H. **Substanz, System, Struktur**. Die Ontologie des Funktionalismus und der philosophische Hintergrund der modernen Wissenschaft. Freiburg/München: Karl Alber, 1965.

MIETH, Dietmar. **Die Einheit von Vita activa und Vita contemplativa in den deutschen Predigten und Traktaten Meister Eckharts und bei Johannes Tauler**. Regensburg: Friedrich Pustet, 1969.

LOSSKY, V. **Théologie négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart**. Paris: Editora, 1960. (Études de philosophie médiévale, vol. 58).